

RISCO: UM ESTUDO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

**Pedro Milton de Moraes¹, Edna Maria Querido Oliveira Chamon²,
Marco Antonio Chamon³**

^{1 2 3} Univ. de Taubaté/ECA, Rua Exped. Ernesto Pereira s/n – Taubaté-SP,
pedro_milton@uol.com.br, bredna_chamon@directnet.com.br, chamon@directnet.com.br

Resumo - Neste artigo é contextualizada a importância do conhecimento do risco e suas dimensões para o Gerenciamento de Segurança Meio-Ambiente e Saúde (SMS) nas organizações. O risco é contextualizado a partir de três dimensões. Sagrada, econômica e técnica em que se buscam modos de evitar, ou diminuir os riscos inerentes a uma dada atividade econômica. No sagrado o homem procura as explicações para aquilo que a ciência não alcançou, no econômico são avaliadas as perdas e ganhos decorrentes dos riscos assumidos e nas técnicas busca-se o controle dos perigos. É de suma importância que as organizações ajam de forma contributiva para a redução do dramático quadro de acidentes de trabalho em nosso país.

Palavras-chave: risco, perigo, representações sociais, segurança.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

As políticas de segurança das organizações são baseadas em procedimentos, cuja principal característica é a obediência a padrões normativos. Os procedimentos são criados pela própria organização em obediência à normas regulamentadoras, da legislação brasileira, de proteção ao trabalhador.

Embora tenhamos os perigos delimitados e conhecidos, a representação social do risco vai além dos manuais, constituindo-se um conjunto representativo das vivências e experiências que corrobora com a formação de um *status* de memória permanente em relação ao objeto de risco, o qual se teme. Uma maior compreensão da interface representação social do risco versus fatores mecânicos de avaliação do risco possibilita uma maior compreensão a respeito do fluxo de significados envolvendo esses dois mundos. Conhecer o risco a partir das representações sociais possibilita-nos mapear seu real significado no trabalho em empresas potencialmente perigosas e delinear ações que possam auxiliar o desenvolvimento do trabalho seguro nas empresas.

O maior desafio das organizações é a redução das tensões existentes pela aplicação de rigorosas normas de controle e a conscientização da importância do seguimento das mesmas, uma vez que a homogeneização da interpretação do discurso é um fator crítico para o sucesso dessas iniciativas.

Materiais e Métodos

Este artigo foi elaborado utilizando a técnica de análise conteúdo a partir de entrevista aplicada em um conjunto de trabalhadores de uma indústria química da região do Vale do Paraíba.

Representações Sociais

As representações sociais são formadas em torno de um objeto, portanto existe um vínculo estreito entre sujeito e objeto sem o qual a representação não existe. Por meio das representações sociais os indivíduos conhecem seu mundo e o compreendem segundo seus objetos constitutivos, não obstante a compreensão dos objetos que o cercam fazem que este indivíduo adote vínculos sociais que o identificam com o grupo ao qual pertence (MOSCOVICI, 2004).

A necessidade premente de compreensão faz com que o homem procure representar os objetos constituintes de seu mundo, facilitando sua interação com este mundo e contribuindo para a manutenção de sua vida e de sua sociedade.

Para Moscovici a psicologia social, quando estuda os sistemas cognitivos, pressupõe:

- 1) Os indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimentos do mesmo modo que os cientistas ou os estatísticos;
- 2) Compreender consiste em processar informações.

Percebemos o mundo tal como é e todas as nossas percepções, idéias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase-físico, em que nós vivemos.

Entretanto, alguns pressupostos contradizem a psicologia social, a consciência do óbvio em que a realidade é fragmentada e o todo não é observado, mas partes enquanto que muitos aspectos ficam invisíveis. Os fatos aceitos sem discussão por falta de uma melhor capacidade de visualização, de iconização, dificultando que a observação da realidade a partir da aparência. Por fim, a reação pré-condicionada por determinados grupos que possuem jargões próprios e um modo

pré-definido de responder ao meio ambiente (MOSCOVICI, 2004).

As representações sociais tem como característica ser um conhecimento prático que busca a compreensão do mundo e sua transmissão, possibilitando ao homem gerenciar seu mundo e enfrentá-lo. Precisam ser compreendidas a partir sua geração e construção e de sua funcionalidade no contexto em que é produzida (SPINK, 2003).

Por meio das representações sociais o indivíduo procura tornar o não familiar em familiar. Tudo que não é familiar pode causar angústia e sofrimento ao indivíduo e o mesmo procura por meio da objetivação e ancoragem enquadrar o objeto em um quadro representativo próprio conhecido.

As representações são construídas segundo três dimensões em que o indivíduo socialmente está inserido: a atitude, a informação e o campo da representação. Enquanto a atitude reflete a tomada de decisão do indivíduo no grupo, a informação é a quantidade e qualidade de conhecimento à respeito do objeto representado. O campo da representação é a estrutura que hierarquiza as informações apreendidas (SANTOS, 2005).

Existe um tendência natural do indivíduo em rejeitar o que é estranho. Esse processo ocorre internamente e ocorre a negação a tudo que possa trazer desconforto e sofrimento. Dois processos básicos são importantes geradores de representações sociais, a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem possibilita ao indivíduo não somente a familiarização e integração de um pensamento predominante, mas também a comparação face à valores sociais, de forma a garantir a coerência com os sistemas sociais existentes. O processo de ancoragem tem que ser coerente com o ambiente no qual as representações são originadas, de forma a serem válidas (ALMEIDA, 2005).

A objetivação é o processo com o qual torna-se concreto, visível uma realidade que se apresenta abstrata. Busca-se decodificar, de forma a estabelecer um formato conhecido ao objeto e que melhor o represente.

No processo de objetivação o indivíduo recorre à sua memória na procura de imagens que melhor classifiquem o que está observando, é um processo comparativo em que é escolhida a forma icônica que melhor represente o objeto. As palavras devem dar sentido algo que está não verbalizado, não há fumaça sem fogo. A imagem do fogo é selecionada em relação ao objeto fumaça, dando um formato conhecido e identificável ao que se observa (MOSCOVICI, 2004).

O Risco

De um legado aos deuses, até as modernas técnicas de gestão do risco, a humanidade caminhou da total imponderabilidade rumo às possibilidades de uma melhor conhecimento de formas de predição e controle de riscos nas organizações. Desta forma, ao seres humanos restava a aceitação de que tal qual o movimento dos planetas, os acidentes e ocorrências em geral eram atribuições de ordem divina aos quais somente na oração poderia se evitar males maiores. Ainda na Renascença surgem as primeiras considerações científicas a respeito do risco, começando um modelo não mais baseado em superstições, fé cega e instinto. Com a Teoria da Probabilidade a humanidade ganhou uma forma de avaliar acontecimentos possíveis, obedecendo determinadas frequências, criada por Pierre de Fermat e Blaise Pascal, deixando para trás todo um universo baseado no acordo com os deuses, como forma de se evitar os infortúnios (BERNSTEIN, 1996).

O risco é inerente às atividades e portanto uma condição de vida do ser humano. Viver é correr riscos, no entanto cada vez mais a sociedade cobra uma atitude empresarial e governamental de maior controle dos riscos, diminuindo assim as fontes de desconforto e tristeza humanas.

Para Siqueira (2000), risco é uma consequência da decisão livre e consciente de expôr-se a uma situação na qual se luta pela realização do bem havendo a possibilidade de ferimento.

Conviver com a incerteza é um dos grandes dilemas da sociedade moderna, que se arma de todas as ferramentas existentes para diminuí-la. A grande dificuldade dos cientistas nos dias de hoje é a extrapolação de eventos controlados cientificamente em laboratórios para a realidade das indústrias e da sociedade como um todo. A cooperação entre os diferentes atores, na busca da interdependência é um fator de elevada importância para a obtenção de insumos que possibilitem um melhor controle do risco e da redução das incertezas (WEYER, 2003).

Risco e Perigo

A representação do risco é de exclusividade do ser humano, uma vez que somos os únicos seres vivos dotados de inteligência e capacidade de escolha, portanto correr riscos é antes uma escolha do que uma necessidade. No entanto, os perigos estão presentes no nosso cotidiano e conservá-los sob controle é uma condicional para que mantenhamos a civilização em expansão.

Em Fischer (2002) encontramos as seguintes definições para Risco e Perigo: "Risco é a probabilidade ou chance de lesão ou morte"

(SANDERS e McCORMICK, 1993, p. 675), “Perigo é uma condição ou um conjunto de circunstâncias que têm o potencial de causar ou contribuir para uma lesão ou morte” (SANDERS e McCORMICK, 1993, p. 675); “Risco (...) é uma função da natureza do perigo, acessibilidade ou acesso de contato (potencial de exposição), características da população exposta (receptores), a probabilidade de ocorrência e a magnitude da exposição e das conseqüências (...)” (KOLLURU, 1996, p.1.10), “Um perigo é um agente químico, biológico ou físico (incluindo-se a radiação eletromagnética) ou um conjunto de condições que apresentam uma fonte de risco mas não o risco em si” (KOLLURU, 1996, p.1.13).

A incerteza é um componente intrínseco ao risco, e como perigo ou chance. Ainda outros três componentes devem ser considerados: a magnitude da perda, possibilidade de perda, exposição à perda. Ainda, são consideradas como fontes de risco a ausência de controle, a ausência de informações e ausência de tempo. Os retornos positivos são tratados como oportunidades e os negativos como risco (SIQUEIRA, 2000).

A representação do risco é dependente do grupo de pessoas ao qual o indivíduo está inserido. Na realidade o risco que o cerca e a representação do mesmo é algo que o grupo lhe impõe como condicionante para pertencer ao grupo. Esta interpretação do mundo, por meio do coletivo, dá ao indivíduo a sensação de poder que o mesmo não teria se interpretasse o mundo pelos seus olhos, tão somente, a sensação de poder que o coletivo lhe transmite aumenta sua capacidade de indagação, ou de aceitação que é dependente das combinações feita pelo grupo (DURKHEIM, 2004).

Conforme Steiner Neto (apud Siqueira, 2000), a atitude do decisor diante do risco é uma questão individual. Supõe a consideração da atitude diante da incerteza e da perda potencial e da expectativa de ganho da situação.

Segundo Thompson & Wildavsky (apud Freitas, 2001), pode-se identificar cinco atitudes em relação ao risco:

- Indivíduos atomizados – a vida é uma loteria, os riscos estão fora de controle e a segurança é uma questão de sorte;
- Burocratas – riscos são aceitáveis enquanto as instituições têm rotinas para controlá-los;
- Eremitas – riscos são aceitáveis enquanto não envolvem a coerção de outros;
- Iguatários – riscos deveriam ser evitados a menos que sejam inevitáveis para proteger o bem público;
- Empreendedores – riscos oferecem oportunidades e devem ser aceitos em troca de benefícios.

Essas diferentes atitudes manifestam que as escolhas dos riscos e de como viver, são tomadas conjuntamente, já que a seleção das formas de organização social predispõe às pessoas selecionarem determinados riscos em detrimento de outros e de outras formas de organização social.

Resultados

Segundo Campos (2005), “entre 1972 e 1996 morreram no Brasil mais de 105 mil pessoas vitimadas por acidentes do trabalho nas empresas, uma morte a cada 2 horas. De 1998 a 2001 o número baixou 22% graças a diversas ações [...]”. As estatísticas de segurança em nosso País demonstram a gravidade e a seriedade com que o assunto deve ser tratado.

O risco assume três dimensões, a partir do estudo de entrevistas realizadas com um conjunto de 10 trabalhadores em diversos níveis da empresa pesquisada. As dimensões apresentadas foram: técnicas, afetivas e práticas.

A empresa pesquisada apresenta um conjunto de trabalhadores com elevado nível de conhecimento de técnicas de avaliação e gestão do risco. Podemos resumir as dimensões encontradas, conforme a tabela 2.

Tabela 2: Dimensões do Risco

Dimensões técnicas	Práticas	Afetivas
Probabilidade	Perigo	“faz parte do nosso trabalho”
Gerenciamento do Risco	Avaliações do dia-a-dia	“não sinto medo do perigo”
Metodologias	Ferramentas de segurança	“existem lugares mais perigosos”
Controle	Manutenção do processo	“nunca me preocupei com isso”
Segurança	Seguir procedimentos	“está tudo calculado, não vejo motivos para temer”

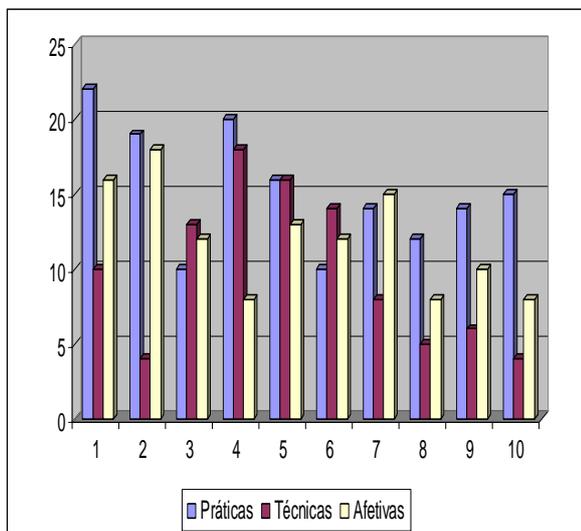
Fonte: Elaborado pelo pesquisador

A retórica que emerge nos discursos afetivos é a da negação do risco como inerente às atividades, como forma de defesa, seja de ponto de vista, afinal “eu trabalho em uma empresa de risco”; seja de marcação de pontual “sou representante da liderança e sei que todos os riscos estão sob controle”. Na dimensão prática, o risco emerge como um elemento do dia-a-dia, ao qual se teme, no entanto as atividades devem

transcorrer segundo rituais que “garantem” sua delimitação e “impede” que males aconteçam.

Gráfico 1: Distribuição das manifestações

Fonte: Elaborado pelo pesquisador



Discussão

A procura da redução de acidentes na indústria constitui hoje um fator econômico muito importante, pois os custos relativos às indenizações e perdas de imagem são elevados.

Em determinados momentos as pessoas em atividades perigosas formam um quadro representativo em que se defendem daquilo que as faz temer. Essas estratégias de defesa têm como finalidade diminuir a pena e o stress já presente no ambiente perigoso.

Para Borsoi (2005), “é diante de condições sobre as quais há a consciência do perigo e, ao mesmo tempo, há também a necessidade de viver uma espécie de faz de conta no sentido de negar o risco, até mesmo para permanecer trabalhando [...] tendem a explicar de modo fatalista a própria tragédia e a de outros”.

Conclusão

A apreensão das Representações Sociais do Risco no ambiente industrial, possibilita às empresas agirem de forma pontual, contribuindo com a alteração do gravíssimo quadro de acidentes de trabalho em nosso país. Há de se destacar o caráter em longo prazo para que as alterações na cultura organizacional surtam os efeitos esperados, no entanto qualquer ação positiva é uma melhor resposta à contribuição letárgica dos gráficos demonstrativos de acidentes.

Referências

ALMEIDA, G.J. **As Representações Sociais, o Imaginário e a Construção Social da Realidade.** In: SANTOS, M.F.S. ALMEIDA, M.L. Diálogos com a Teoria da Representação Social. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2005.

BERNSTEIN, P.L. **The New Religion of Risk Management.** Boston: Harvard Business Review. 1996.

BORSOI, I.C.F. **ACIDENTE DE TRABALHO, MORTE E FATALISMO.** Psicologia & Sociedade; 17, Jan.- Ab. 2005.

CAMPOS, A.A.M. **CIPA – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – Uma nova Abordagem.** São Paulo: Editora Senac. 2005.

DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico.** São Paulo: Editora Martin Claret. 2004.

FISCHER, D., GUIMARÃES, L.B.M. **Percepção de Risco e Perigo: um estudo qualitativo.** In: Abergó 2002, XII Congresso Brasileiro de Ergonomia, 2002. Recife.

FREITAS, C.M. **Diferentes atitudes frente ao risco e diferentes projetos de modernidade.** Cad. Saúde Pública, Nov./Dec.2001, vol.17, nº6, p.1301-1302. ISSN 0102-311X.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigação em psicologia social.** Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2004.

SANTOS, M.F.S. **A Teoria das Representações Sociais.** In: SANTOS, M.F.S. ALMEIDA, M.L. Diálogos com a Teoria da Representação Social. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2005.

SIQUEIRA, J.O. **Risco: da Filosofia à Administração.** CONVENIT SELECTA -3 2000. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit3/sumar.htm>>. acesso em 20 abril. 2006.

SPINK, M.J. **Desvendando as Teorias Implícitas: Uma Metodologia de Análise Representações Sociais.** In: GUARESHI, P.A. TEXTOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS. Petrópolis: Editora Vozes. 2003.

WEYER, J. **The Social Risks of Experimental Research an Technological Innovation.** In: International Conference: Humans in Experiments. Medicine, Malice, and the Remaking of the Modern Life. Hamburguer: 2003.